



REPENSANDO A AJUDA INTERNACIONAL



Sobre Esta Edição

Na *Enciclopédia Britânica*, os primeiros programas de assistência externa remontam ao século 18, quando a Prússia e outras potências européias subsidiavam seus aliados militares. A ajuda externa como conhecemos hoje — transferência de recursos para melhorar o bem-estar do povo de uma nação beneficiada — começou para valer após a Segunda Guerra mundial com o Plano Marshall, a ajuda econômica dos Estados Unidos aos países da Europa Ocidental, e com a fundação de instituições multilaterais como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

No século 21, o montante da ajuda externa anual combinada chegou perto dos US\$ 70 bilhões. Segundo algumas estimativas, ele já totaliza US\$ 1,5 trilhão desde 1960. E, no entanto, a pobreza, a fome e o subdesenvolvimento ainda perduram. A pergunta inevitável é por quê?

Esta edição de *eJournal USA* oferece explicações dos principais analistas sobre como os Estados Unidos e outras nações do mundo continuam a combater esse problema. De que maneira a assistência externa foi estruturada, condicionada, distribuída? O que foi tentado e o que funcionou? Como a nova "diplomacia transformacional" descrita pela secretária Rice moldou o modelo de ajuda externa dos EUA e em que esse modelo difere dos outros?

Esta edição também descreve alguns esforços — lançados pelo governo dos EUA, por cidadãos americanos e por parcerias entre ambos — para ajudar os necessitados. Do Corpo da Paz ao navio médico USNS *Comfort* e dos americanos da Etiópia que juntam recursos para abrir uma clínica médica em Adis Abeba ao cidadão extraordinário que trabalha com líderes locais para construir escolas para meninas no Paquistão e no Afeganistão, essas histórias ilustram como cada um de nós pode descobrir um meio de ajudar.

Em nosso ensaio geral, o professor Paul Collier, da Universidade de Oxford, explica e critica os muitos modelos de distribuição que nações, ONGs e outras organizações utilizam para conseguir verbas quando necessário. Muitos desses modelos, segundo ele, não funcionaram conforme o esperado, mas os profissionais da área parecem ter aprendido com essas experiências. Collier também descreve um possível modelo alternativo para assistência externa no futuro.

Steven Radelet, ex-subsecretário adjunto no Departamento do Tesouro dos EUA, oferece uma sinopse detalhada dos programas de assistência externa dos EUA. Como esses programas fornecem dinheiro, commodities e conhecimento técnico, distribuídos por intermédio de fontes e iniciativas públicas, mistas e privadas, o escopo dos esforços americanos combinados nem sempre é totalmente compreendido.

Carol Adelman, membro sênior e diretora do Centro para a Prosperidade Global do Instituto Hudson, discorre sobre o papel cada vez mais importante do capital privado nos esforços dos EUA para ajudar os pobres do mundo e acelerar o desenvolvimento global.

Esperamos que esta edição possa dar uma idéia da energia, determinação e criatividade que estão sendo aplicadas para aliviar e, realmente, superar alguns dos problemas mais difíceis do mundo.

— *Os editores*



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / NOVEMBRO 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 11

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

Repensando a Ajuda Internacional

4 **As Diversas Faces da Ajuda**

PAUL COLLIER, PROFESSOR DE ECONOMIA E DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE ECONOMIAS AFRICANAS, UNIVERSIDADE DE OXFORD

O autor de *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries Are Failing and What Can Be Done About It* [O Bilhão Mais Carente: Por Que os Países Mais Pobres Estão em Decadência e o Que Pode Ser Feito] explica e critica os modelos de distribuição de ajuda.

8 **O Espectro da Assistência Externa dos EUA**

STEVEN RADELET, MEMBRO SÊNIOR DO CENTRO DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL, WASHINGTON, D.C.

O ex-subsecretário adjunto do Tesouro dos EUA descreve a variedade de iniciativas de assistência externa dos EUA.

13 **Um Novo Cenário Assistencial**

CAROL C. ADELMAN, MEMBRO SÊNIOR E DIRETORA DO CENTRO PARA A PROSPERIDADE GLOBAL DO INSTITUTO HUDSON, WASHINGTON, D.C.

O capital privado desempenha um papel cada vez mais importante na assistência à população pobre do mundo e no fomento do desenvolvimento.

18 **Transformando a Diplomacia — e Vidas**

A secretária de Estado Condoleezza Rice pediu uma nova “diplomacia transformacional”, em que a assistência a outros povos e países tenha um papel proeminente.

19 **Heart Fund Salva Vida de Crianças**

SARGENTO TÉCNICO JACK WEST, ASSISTENTE DE CAPELÃO DA FORÇA AÉREA DOS EUA

Uma base da Força Aérea dos EUA no Quirguistão ajuda crianças com defeito no coração.

20 **História em Fotos: Uma Conexão com a Guatemala**

Membros de uma pequena igreja rural da Virgínia constróem relacionamentos enquanto constróem fogões e casas nas regiões montanhosas da Guatemala.

23 **EUA Criam Fundo Público-Privado de Ajuda a Mulheres e Crianças Refugiadas**

DAVID ANTHONY DENNY, MEMBRO DA EQUIPE DE REDAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

O Fundo Internacional para Mulheres e Crianças Refugiadas é uma parceria entre o Departamento de Estado dos EUA e o setor privado.

25 Filtro para Retirar Arsênico da Água Leva Esperança a Milhões de Pessoas

JEFFREY THOMAS, DA EQUIPE DE REDAÇÃO DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Professor de química premiado trabalha para garantir que as comunidades carentes do mundo todo se beneficiem de seu invento, um dispositivo que remove o arsênico da água de poço.

27 Diáspora Etíope Ajuda Assistência Médica do Seu País

JIM FISHER-THOMPSON, DA EQUIPE DE REDAÇÃO DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Membros da diáspora etíope nos Estados Unidos criaram uma fundação de apoio à assistência médica na Etiópia.

29 Crianças Panamenhas Beneficiam-se com Visita de Navio-Hospital Americano

DAVID SHELBY, DA EQUIPE DE REDAÇÃO DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Navio-hospital dos EUA presta assistência médica para povos do Caribe e América Central.

31 Corpo da Paz Adapta-se a um Mundo em Mudança

LAUREN MONSEN, DA EQUIPE DE REDAÇÃO DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

O diretor do Corpo da Paz discute como a organização mudou para atender às necessidades de um mundo em transformação.

34 Alpinista Americano Constrói Escolas no Paquistão e no Afeganistão

AFZAL KHAN, CORRESPONDENTE ESPECIAL DO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Alpinista americano cuja vida foi salva por habitantes de uma aldeia nas Montanhas Karakoram, no Paquistão, está construindo escolas no Paquistão e no Afeganistão.

36 Recursos na Internet



Vídeos on-line

Planet Aid em Moçambique

Pepfar Ajuda Crianças

Dilema de Uma Mãe

Sangue Seguro na Guiana

<http://usinfo.state.gov/journals/itps/1107/ijpe/ijpe1107.htm>

As Diversas Faces da Ajuda

Paul Collier



Kevin Wolf / © AP Images

Enquanto o subsecretário de Estado John Negroponte (acima à direita) e o presidente de Moçambique assistem, o embaixador John Danilovich (mais abaixo à direita) aperta a mão do Ministro de Desenvolvimento e Planejamento desse país durante cerimônia de assinatura do Pacto da Corporação Desafio do Milênio (MCC) com Moçambique, em julho de 2007. A MCC foi criada em 2004 para tratar dos problemas que afetam os programas de ajuda externa tradicionais

*Paul Collier é professor de economia e diretor do Centro de Estudos de Economias Africanas da Universidade de Oxford e, mais recentemente, autor de *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries Are Failing and What Can Be Done About It* [O Bilhão Mais Carente: Por Que os Países Mais Pobres Estão em Decadência e o Que Pode Ser Feito] (Oxford University Press, 2007).*

A ajuda costumava ser algo simples. Há trinta anos, ela era concedida sob a forma de projetos, e a maioria deles destinava-se à infra-estrutura. As coisas mudaram, em parte em virtude de as agências de ajuda terem tomado consciência da fungibilidade: na realidade, a ajuda não estava sendo usada para financiar os projetos aos quais ela estava claramente vinculada porque, na maioria das vezes, os governos beneficiários encontravam uma forma para realizá-los usando seus próprios recursos fiscais. Assim, o que o projeto financiava,

na verdade, era qualquer coisa que o governo considerasse mais conveniente no momento para utilizar o dinheiro liberado pelo doador para o financiamento do programa. Com a ajuda ao projeto, o doador não tinha nenhuma influência sobre a decisão desse governo.

Os doadores também compreenderam que para serem, ou não, bem-sucedidos, seus projetos dependiam em grande parte do contexto mais amplo das políticas públicas em que estavam inseridos: a forma como o governo conduzia a economia. A fase seguinte da ajuda baseou-se nas políticas públicas: a ajuda seria concedida em troca de uma contrapartida governamental em termos de mudança de algumas políticas específicas. No entanto, o resultado não foi muito feliz. Isso complicou a questão-chave da clara responsabilidade do governo perante seus próprios cidadãos. Se a política pública estava sendo traçada por doadores, seria de se esperar que o governo não fosse responsabilizado caso as coisas não saíssem de acordo com

o planejado. As condições eram também prontamente "negociadas" pelos governos beneficiários: o governo do Quênia "vendeu" cinco vezes em 15 anos a mesma reforma ao Banco Mundial! Os doadores tinham pouco incentivo para impor condições porque a equipe estava sujeita a fortes pressões para liberar os recursos.

NOVOS MÉTODOS DE AJUDA

Essa condicionalidade das políticas não desapareceu por inteiro, mas mudanças importantes ocorreram na última década. Uma delas está relacionada com "o apoio ao orçamento", mais condicionado ao nível alcançado pelas políticas públicas do que às promessas de mudança. Essa é a forma pela qual a Associação Internacional de Desenvolvimento, a parte do Banco Mundial que fornece doações aos países mais pobres do mundo, distribui o fluxo de ajuda. Esse apoio ao orçamento é o dinheiro que pode ser usado pelo governo beneficiário para qualquer fim — funcionando simplesmente como uma fonte de receita orçamentária. O apoio ao orçamento pressupõe que o governo e o doador estejam estreitamente alinhados com as suas preferências: isso explica por que tal apoio é condicionado ao julgamento de que as políticas públicas já são satisfatórias.

Uma importante mudança afim foi a "adesão da população do país ao programa" e a "participação dos cidadãos". A forma de ajuda intitulada Documento de Estratégia para Redução da Pobreza (PRSP) requer o engajamento do governo com seus cidadãos em algum tipo de processo participativo que ajude a elaborar um documento (o PRSP) com a proposta governamental. Os doadores decidem então se a ajuda a ser concedida vai se basear nesse documento ou se é melhor negociar políticas públicas específicas. A Corporação Desafio do Milênio (MCC) do governo dos EUA funciona de maneira um tanto semelhante, com o doador avaliando as despesas propostas com base nos níveis de governança alcançados.

Isso significa avançar em direção à condicionalidade da governança em vez da condicionalidade das políticas públicas. Enquanto a condicionalidade dessas políticas diz ao governo quais as que devem ser adotadas, a condicionalidade da governança procura incentivar a responsabilidade governamental perante seus cidadãos: por exemplo, pode-se exigir que o orçamento seja transparente de modo que os cidadãos possam saber não apenas como o dinheiro da ajuda é gasto, mas também o que acontece com as receitas fiscais. Esse método pode não representar

um grande incentivo para a melhoria da governança, mas o seu principal objetivo é ter a opção de escolher entre governos e, assim, canalizar a ajuda para aqueles que por qualquer razão já têm um modelo de governança razoável.

Embora o apoio ao orçamento, a MCC e a adesão da população do país ao programa sejam métodos que funcionam bem quando as preferências dos doadores e dos países receptores estão estreitamente alinhadas, eles se tornam bastante inadequados em caso de divergências. Por exemplo, se o doador acredita que as prioridades dos gastos de determinado governo favorecem pequenas elites ou trabalhadores do setor público em detrimento das pessoas comuns, seria estúpido entregar dinheiro para o governo gastar como quisesse. Atualmente não há arquitetura satisfatória de entrega de grandes quantidades de ajuda nessas circunstâncias difíceis. Como é de esperar, onde as políticas públicas e a governança são precárias, maiores são as necessidades dos cidadãos comuns, o que provoca uma tensão aguda entre o que é necessário e o que pode ser na realidade alcançado com a canalização de grandes fluxos de ajuda por meio do governo. Esse dilema aparece frequentemente de forma mais aguda nas situações pós-conflito, nas quais o serviço público civil entrou em colapso deixando atrás de si sistemas ineficientes e corruptos de distribuição pública.

Recentemente foi adotado o método de reservar recursos especializados para determinados fins, em geral para a saúde, e de usar o dinheiro para financiar programas emergenciais nessas áreas designadas pelos governos beneficiários. O doador se propõe a fazer com que os recursos sejam empregados de forma eficaz, ameaçando não renovar o financiamento se as metas não forem atingidas. A fiscalização, portanto, baseia-se mais em resultados específicos do que em políticas públicas. O problema desse método é que os governos beneficiários mais frágeis não dispõem de fortes sistemas de distribuição pública para alcançar os resultados desejados, e pequenos jorros de dinheiro não fazem nada nesse sentido. O segundo problema é que os governos ou os servidores públicos civis em ambientes de governança fraca podem estar tão habituados a agarrar rapidamente as oportunidades surgidas a curto prazo que as ameaças de perder o financiamento no futuro não surtem efeito. Portanto, esse método de recursos especializados pode enfrentar obstáculos semelhantes aos do apoio ao orçamento — que é excelente para ambientes mais fortes, mas não para alguns dos mais carentes.



(Lucy Pemoni/ © AP Images)

Em escola de Liloan, Filipinas, transformada em abrigo temporário para famílias evacuadas após desabamento, fuzileiro naval dos EUA faz menininha sentir o gosto de uma refeição pronta para consumo

ALCANÇANDO OS MAIS CARENTES

Um método alternativo que está em vias de ser testado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi feito sob medida para os ambientes mais desafiadores. Sua proposta consiste em usar a ajuda para financiar mecanismos de distribuição alternativos e extragovernamentais para serviços essenciais. Por exemplo, a ajuda à educação pode ser canalizada para as igrejas que já dirigem escolas missionárias de sucesso, para que construam novas escolas. Isso é o que já vem sendo feito até certo ponto por meio do programa Fundos Sociais do Banco Mundial. No entanto, os fundos sociais financiam geralmente apenas o custo de capital de um projeto — a construção de uma escola, mas não os seus custos operacionais. Além disso, eles são em geral muito reduzidos.

A idéia central aqui é que muitos fornecedores não-governamentais deveriam tornar-se elegíveis para financiamento de ajuda, inclusive ONGs locais e internacionais, organizações sem fins lucrativos como Citizen Development Corps [Corporação para o Desenvolvimento do Cidadão] e Crown Agents [Agentes da Coroa], além de empresas com fins lucrativos. Propus uma versão dessa iniciativa chamada Independent Service Authorities (ISAs) [Autoridades de Serviços Independentes (ISAs)]. Uma ISA poderia ser definida como uma agência governamental fora do serviço público civil, algo semelhante a um órgão da receita independente. Ela poderia contratar os serviços das ONGs e firmas, mas não fornecê-los diretamente. Sua função seria monitorar o desempenho. Embora considerada parte do governo, a ISA

poderia atuar como participante, incluindo algum tipo de representação da sociedade civil e de doadores. Portanto, tanto os cidadãos — inclusive a mídia local — quanto os doadores poderiam avaliar o desempenho dos serviços. Assim, o governo prestaria mais contas aos cidadãos, e os doadores seriam capazes de canalizar grandes fluxos financeiros para ambientes carentes com alguma confiança de que o dinheiro seria usado como planejado.

Também mudaram as modas que influenciavam as prioridades do setor. Há trinta anos a infra-estrutura era vista como prioritária. Na última década, a moda voltou-se, predominantemente, para setores sociais como saúde e educação e, nesse âmbito, para os principais sistemas de distribuição — escolas de ensino fundamental e clínicas rurais. Isso ocorreu, em parte, por conta da crença equivocada de que a infra-estrutura seria financiada pelo setor privado e também porque as ONGs, dependentes de seus próprios esforços para captação de recursos, buscaram uma abordagem mais emocional para promover a conscientização popular entre os cidadãos dos países desenvolvidos. Assim, os aspectos mais fotogênicos do desenvolvimento, em especial qualquer coisa relacionada com crianças pequenas, passou a ter uma importância relativamente maior. Inadvertidamente, como resultado dessas pressões, a ajuda, com toda a probabilidade, desviou o foco da agenda de crescimento estratégico: havia mais escolas de ensino fundamental, mas menos centrais elétricas. Conforme as modas vão e vêm, há agora uma mudança de enfoque da saúde básica e educação para a agricultura, em geral vinculada às preocupações com o abastecimento de alimentos. Embora o recente aumento nos preços mundiais dos alimentos justifique essa mudança, ela pode também mostrar-se mais eficaz no atendimento aos objetivos humanitários de curto prazo do que aos objetivos estratégicos de longo prazo.

ALÉM DO FOTOGÊNICO

Um conjunto final de questões diz respeito à coordenação do doador. Com cada vez mais países incluídos no rol dos desenvolvidos, prolifera o número de programas nacionais de ajuda. Mesmo dentro deles podem ser geralmente encontradas diferentes agências de ajuda: só o governo dos EUA tem 19 agências distintas prestando ajuda de alguma maneira ou forma. Tem havido proliferação ainda maior de ONGs internacionais, que canalizam com frequência tanto grandes volumes de dinheiro do governo quanto de doações privadas, mas com

sistemas muito fracos de prestação de contas. Periodicamente, todos esses diferentes doadores passam a querer coordenar ou no mínimo juntar seus esforços. Os governos beneficiários são geralmente ambivalentes. Eles desaprovam o fato de ter de lidar com diferentes agências doadoras, mas resistem a soluções que dariam às várias agências a possibilidade de "se unirem" contra o governo. Parte do problema é que cada doador governamental é responsável perante seus próprios sistemas nacionais de escrutínio público e, assim, deve ajustar-se a diferentes padrões. Por outro lado, nenhuma agência doadora revela-se disposta a tirar a liderança de outra. Sem falar que os governos demonstram freqüentemente uma clara indecisão sobre suas próprias prioridades ou não as revelam por inteiro porque sabem que não teriam a concordância dos doadores.

A solução mais sensata seria provavelmente canalizar mais ajuda por meio de algumas agências multilaterais: as melhores entre elas mostram mais competência do que as agências bilaterais e as ONGs e são mais imunes a pressões políticas. Entretanto, há uma forte tendência de o financiamento da ajuda caminhar na direção oposta: mais programas bilaterais e mais ONGs. Portanto, a maior esperança é que os cidadãos dos países desenvolvidos consigam se arregimentar em torno das verdadeiras prioridades e, assim, possibilitar que as ONGs e os órgãos governamentais consigam ir além da parte cosmética. É por essa razão que escrevi o *The Bottom Billion*. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

O Espectro da Assistência Externa dos EUA

Steven Radelet

A assistência externa dos EUA é prestada de muitas formas, inclusive em dinheiro, commodities, conhecimentos técnicos e mediante fontes e iniciativas públicas, mistas e privadas. Steven Radelet é membro sênior do Centro de Desenvolvimento Global, onde trabalha com questões relacionadas à ajuda externa, dívidas de países em desenvolvimento, crescimento econômico e comércio entre países ricos e pobres. [Foi subsecretário adjunto do Tesouro dos EUA para a África, o Oriente Médio e a Ásia, de janeiro de 2000 até junho de 2002.]

A assistência externa dos EUA, como a conhecemos hoje, tem sua origem no Plano Marshall pós-Segunda Guerra Mundial e na fundação do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, atualmente parte do Grupo do Banco Mundial. Essas duas iniciativas foram fundamentais para a reconstrução da Europa e o estabelecimento da paz, da prosperidade e da liberdade após a Segunda Guerra Mundial.

Os objetivos e as técnicas dos programas de ajuda externa dos EUA ampliaram-se acentuadamente desde então. Os programas atuais mantêm diversas atividades em áreas de vital importância, entre as quais agricultura, saúde, educação, infra-estrutura, prevenção e tratamento do HIV/Aids, democracia, governança, programas de voluntariado e assistência humanitária em períodos de emergência. Em 2006, o governo dos EUA destinou mais de US\$ 26 bilhões em assistência externa a cerca de 120 países e territórios em todo o mundo.

A assistência externa dos EUA é prestada de várias formas, inclusive ajuda em dinheiro e commodities, como alimentos e medicamentos, alívio da carga da dívida [externa] e conhecimentos técnicos. Mas o governo dos EUA é somente uma parte da história: o povo dos Estados Unidos contribui ainda mais por meio de instituições beneficentes privadas, fundações, organizações religiosas e iniciativas individuais.

A marca registrada da assistência externa dos EUA é a prestação de ajuda não somente a governos, mas também a órgãos não-governamentais, organizações religiosas, grupos

de defensores de causas específicas, instituições de pesquisa e pequenas empresas privadas e pequenos empreendedores. Essa ampla iniciativa reflete a crença da maioria dos americanos de que o progresso da sociedade depende não somente de esforços do governo ou do setor privado, mas também dos empreendimentos conjuntos entre setor público, empresas privadas, grupos sem fins lucrativos e



Dois meninos de Montecillos, Honduras, aproveitam a água doce encanada vinda de um novo sistema de abastecimento de água construído com a ajuda da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

Cortesia: USAID

iniciativas individuais. Em todo o mundo, não é difícil encontrar agências dos EUA apoiando organizações de pesquisa econômica; grupos religiosos dirigindo escolas ou clínicas; iniciativas microfinanceiras ajudando pequenos empresários, universidades e instituições de capacitação; e organizações não-governamentais envolvidas em campanhas de direitos humanos e de conscientização ambiental.



Shehzad Noorani/HQ06-0575/Unicef

O Unicef financia o programa de alimentação que ajuda esta mulher a alimentar seu filho desnutrido. Eles estão sentados sob um mosquiteiro em um centro de nutrição dirigido pela ONG internacional Action contre la faim em Darfur

Programas de assistência do governo dos EUA

A maioria das pessoas relaciona a assistência externa dos EUA principalmente à Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Fundada em 1961, a USAID é a maior e mais diversificada agência de assistência externa do governo dos EUA. Ela tem estado na linha de frente de iniciativas como a Revolução Verde, que ajudou a alimentar milhões de pessoas por meio do desenvolvimento e distribuição de novas variedades de arroz, trigo e outros grãos; programas de imunização; saúde materna; alfabetização; desenvolvimento da terapia de reidratação oral para combater a diarreia; microfinanciamento e outras numerosas iniciativas. Atualmente ela opera uma ampla gama de atividades de desenvolvimento em países de todo o mundo.

Embora a USAID esteja no centro das iniciativas de assistência externa dos EUA, ela é apoiada por programas do Departamento de Estado, do Tesouro, de Agricultura, de Defesa e de Saúde e Serviço Social; dos Centros de Controle de Doenças; do Corpo da Paz; da Corporação Desafio do Milênio (Millennium Challenge Corporation – MCC); da Fundação para o Desenvolvimento Africano; da Fundação Interamericana; e várias outras organizações. Além desses esforços bilaterais, os Estados

Unidos classificam-se como o maior ou um dos maiores colaboradores de organizações multilaterais cruciais como o Banco Mundial, as Nações Unidas, o Banco Africano de Desenvolvimento, o Banco Asiático de Desenvolvimento, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária.

Cinco programas em especial ilustram a variedade de iniciativas de assistência externa do governo dos EUA, além de programas de desenvolvimento da USAID: auxílio humanitário, alívio da dívida externa, Corpo da Paz, Corporação Desafio

do Milênio e Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar).

Auxílio humanitário: O povo americano faz o máximo para ajudar os outros a responder a situações de emergências e crises humanitárias. Como a maioria das pessoas em todo o mundo, os americanos acreditam profundamente na importância de prestar ajuda aos necessitados. Principalmente por meio do Escritório de Assistência a Desastres no Exterior (OFDA), os Estados Unidos estiveram entre os primeiros a responder à devastação do furacão Mitch na América Central em 1997. As tropas dos EUA chegaram rapidamente ao local para fornecer alimento e suprimentos de emergência após o tsunami ter atingido a Indonésia, a Tailândia, o Sri Lanka e outros países em dezembro de 2004. De fato, toda vez que ocorrem terremotos, enchentes ou falta extrema de alimentos ou surgem situações de emergência envolvendo refugiados, o governo dos EUA, agências privadas e organizações religiosas são normalmente encontrados na linha de frente da resposta internacional.

Alívio da dívida [externa]: Desde o final da década de 1990, o Departamento do Tesouro dos EUA ajudou a liderar o movimento mundial para aliviar os países mais pobres de dívidas quase sempre escorchantes. Houve um avanço em 1997, quando os Estados Unidos e outras partes interessadas do Fundo Monetário Internacional, do

Banco Mundial e de outras instituições multilaterais concordaram com a iniciativa para Países Pobres Altamente Endividados (HIPC). Embora a iniciativa HIPC pedisse o alívio substancial da dívida, não solicitou seu alívio total — pelo menos inicialmente. Isso começou a mudar no início de 2000, quando os Estados Unidos se tornaram o primeiro país a anunciar que perdoariam 100% da dívida dos países de baixa renda incluídos na iniciativa.

Corpo da Paz dos

EUA: Talvez o programa de assistência dos Estados Unidos mais característico seja o Corpo da Paz. A maioria dos americanos aprova um ideal de indivíduos que trabalham com afinco, arregaçam as mangas e se dispõem a ajudar outras pessoas. O Corpo da Paz incorpora todos esses valores. Durante os últimos 45 anos, mais de 187 mil americanos viveram esse ideal servindo como voluntários no Corpo da Paz em 139 países. Os voluntários lecionam em escolas locais, apóiam campanhas de conscientização pública sobre o HIV, ajudam nas atividades de extensão da agricultura, dão conselhos comerciais a pequenos empresários e ajudam em outras incontáveis atividades. Para milhões de pessoas em todo o mundo, a primeira oportunidade de vir a conhecer um americano é encontrando um voluntário do Corpo da Paz. E, o mais importante, os voluntários do Corpo da Paz retornam aos Estados Unidos com mais apreço e compreensão em relação a outros povos e compartilham com satisfação suas experiências com outros americanos.

MCC: Um dos mais novos programas de assistência externa do governo dos EUA é a Conta do Desafio do Milênio (Millennium Challenge Account – MCA). Estabelecida em 2004, a MCA é implementada por meio de uma nova agência, a Corporação Desafio do Milênio, e opera de forma diferente da maioria de outros programas assistenciais. A MCA é baseada na idéia de que a assistência governamental funciona melhor



Cortesia: PEPFAR



www.PEPFAR.gov

quando é voltada para países bem governados e comprometidos com políticas eficientes de combate à pobreza e aceleração do desenvolvimento. Assim, a MCC seleciona os países a receber assistência com base em seu compromisso comprovado com boa governança, combate à corrupção, investimento em saúde e educação e estabelecimento de políticas econômicas sensatas. Uma vez selecionados os países beneficiários, a MCC delega a eles a condução do programa, dando-lhes flexibilidade e responsabilidade para identificar suas maiores prioridades e planejar e implementar os programas que preencham suas

necessidades. Até o momento, muitos países concentraram-se em malhas rodoviárias e outros projetos de infraestrutura, agricultura e desenvolvimento rural. Os programas são destinados a estimular a atividade econômica, atrair novos investimentos e criar empregos e, portanto, por sua vez, acelerar o ritmo do progresso econômico e reduzir a pobreza. Até agora, a MCC considerou 25 países elegíveis para seus programas principais e assinou pactos com outros 14. Também concordou com programas "limiães" para outros 15 países que ainda não atingiram os padrões de elegibilidade da MCC, mas estão prestes a atingi-los.

Pepfar: Durante os últimos anos, os Estados Unidos tornaram-se o líder global no combate ao HIV/Aids em todo o mundo, principalmente mediante o Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar) e contribuições para o Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária. Estabelecido em 2003, o Pepfar presta auxílio significativo a 15 países-alvo, principalmente na África Subsaariana, e tem outros programas em mais doze. Em seus primeiros quatro anos, os programas do Pepfar ajudaram a prolongar a vida de mais de 1,1 milhão de pessoas por meio de tratamento anti-retroviral,

impediram mais de 100 mil infecções de crianças por HIV, evitando a transmissão de mãe para filho e ofereceram tratamento a mais de 4 milhões de pessoas afetadas pela epidemia. O Pefpar também financiou atividades de prevenção, atingindo cerca de 60 milhões de pessoas, e deu apoio a mais de 18 milhões de sessões de aconselhamento e capacitação.

Juntamente com esses programas bilaterais, os Estados Unidos contribuíram com cerca de 30% dos recursos do Fundo Global, que se tornou o principal colaborador dos programas de combate à malária e à tuberculose e o segundo maior patrocinador de programas de combate ao HIV em todo o mundo. Infelizmente, a epidemia de HIV/Aids continua a se disseminar, mas nos últimos anos, os Estados Unidos vêm liderando o encargo de tentar combater a doença.

Envolvimento do setor privado

Além dessas contribuições do governo dos EUA, grupos beneficentes, organizações religiosas e pessoas físicas desse país apresentam longo histórico de apoio e ajuda a organizações em todo o mundo. Muitos americanos sentem-se mais tranqüilos canalizando sua ajuda por meio de agências privadas, fundações e igrejas. As organizações Serviços Católicos de Assistência, Visão Mundial, Care, Cruz Vermelha Americana, *Save the Children* (Salvem as Crianças), Oxfam América e muitas outras semelhantes trabalham há décadas para ajudar nos esforços de desenvolvimento no mundo todo. Para oferecer mais um exemplo, o Rotary Internacional, com a ajuda de seus membros dos Estados Unidos e do mundo todo, liderou o encargo de erradicar a poliomielite.

A última década testemunhou contribuições



Crianças fazem fila para receber alimentos fornecidos pela Care no Zimbábue. O método da Care combina distribuição imediata de alimentos juntamente com sementes, ferramentas e capacitação para segurança alimentar de longo prazo

Cortesia: Jesse Moore/CARE

significativas de várias fundações privadas. As fundações americanas vêm combatendo a pobreza há muitos anos — nos anos de 1950 e 1960, as fundações Ford e Rockefeller estiveram entre as maiores organizações de assistência do mundo e continuam a prestar ajuda atualmente. Mas várias novas fundações

entraram em cena nos últimos anos. A maior de todas, com certeza, é a Fundação Bill e Melinda Gates, que distribui mais de US\$ 1,5 bilhão a cada ano, mais do que a quantia total de assistência externa prestada por muitos países doadores individualmente.

Entre outras fundações novas estão a Fundação William e Flora Hewlett, a Rede Omidyar, a Google.org, a Fundação Nike e a Malaria No More (Malária Nunca Mais). Essas organizações colocam seu próprio espírito empreendedor, conhecimento técnico e compromisso intenso à disposição de organizações e governos que já trabalham para resolver alguns dos mais prementes desafios de desenvolvimento.

Enfrentando os fatos

Naturalmente os programas de assistência externa dos EUA são passíveis de crítica. Muitos comentaristas reconhecem que os Estados Unidos são o maior doador individual, mas observam que, considerando-se a porcentagem da renda total, a ajuda dos EUA fica atrás da de outros países, mesmo depois de incluir as contribuições privadas e filantrópicas. E os programas do governo dos EUA padecem de certa parcela de demora burocrática e custos administrativos altos. Essas questões estão começando a ser abordadas de forma mais ampla

nos Estados Unidos, e algumas importantes mudanças já ocorreram. Por exemplo, a assistência externa direta do governo dos EUA aumentou mais de 150% desde 1997. Já foram feitos alguns esforços para reduzir os custos burocráticos, especialmente pelo MCC, e outras reformas estão a caminho.

Atualmente há um senso renovado entre muitos americanos da necessidade urgente de combater a pobreza e as doenças endêmicas e acelerar o desenvolvimento das nações mais pobres. O povo americano está envolvido em

muitos níveis para enfrentar esses desafios — mediante seu governo, fundações privadas, grupos religiosos e como voluntários individuais — na esperança de combater a pobreza e as doenças e criar um mundo mais aberto e próspero para todos. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Um Novo Cenário Assistencial

Carol C. Adelman



David Guttenfelder/© AP Images

Em um orfanato para refugiados liberianos na Costa do Marfim, o ex-campeão de boxe da categoria peso-pesado, Muhammad Ali, cumprimenta a multidão durante visita para doação de alimentos, cadeiras de rodas e remédios

O capital privado desempenha um papel cada vez mais importante na assistência à população pobre do mundo e no fomento do desenvolvimento.

Carol Adelman é membro sênior e diretora do Centro para a Prosperidade Global do Instituto Hudson, especializada em desenvolvimento internacional e políticas públicas, doações privadas para os países em desenvolvimento, ajuda externa e políticas de saúde global.

Embora estrelas do rock e líderes do G8 identifiquem o aumento da ajuda governamental como elemento fundamental na assistência aos pobres do mundo, essa assistência vem perdendo importância para o mundo em desenvolvimento. Os fluxos de capital privado e a filantropia privada — inclusive remessas de valores enviadas pelos imigrantes a

seus países —, que atendem a necessidades tradicionais como educação, habitação e assistência médica, agora diminuem a importância da ajuda governamental oficial. Além disso, parcerias público-privadas criativas, o crescimento expressivo das doações via internet e novas tecnologias moldaram um novo cenário assistencial. Os governos devem entender isso e adequar suas contribuições de forma apropriada para ajudar os pobres de maneira mais eficaz.

O *Índice de Filantropia Global* de 2007, preparado pelo Centro para a Prosperidade Global do Instituto Hudson, revela que em 2005 (dados completos mais recentes disponíveis) os americanos doaram US\$ 95 bilhões para o mundo em desenvolvimento por meio do setor privado, incluindo fundações, corporações, organizações voluntárias e privadas, faculdades, universidades e instituições religiosas, bem como por



Elaine Thompson/© AP Images

Os gêmeos em Mercer Island, Washington, usaram esse cartaz em campanha para arrecadar dinheiro para as vítimas do tsunami em dezembro de 2004. Eles doaram aproximadamente US\$ 6 mil para a World Vision

meio do voluntariado e da remessa de valores [<http://gpr.hudson.org/files/publications/IndexGlobalPhilanthropy2007.pdf>]. Isso é quase três vezes e meia a ajuda oficial dos EUA. As empresas americanas investiram e emprestaram outros US\$ 69 bilhões em capital privado. Essas iniciativas privadas representaram cerca de 86% de todo o fluxo econômico americano para os países em desenvolvimento.

A magnitude desse engajamento do setor privado e o sucesso comprovado das abordagens do setor privado e das parcerias inovadoras do setor público-privado sugerem que os modelos de ajuda externa tradicional precisam de uma revisão. Os programas da era do Plano Marshall, que forneciam assistência principalmente por meio de governos anfitriões, muitas vezes por meio de consultores caros e infra-estruturas administrativas complicadas, são obsoletos e muitas vezes ineficientes. Esses programas de ajuda externa tradicionais foram elaborados para um mundo no qual eram mínimas as iniciativas de investimento privado e de filantropia internacional dirigidas ao mundo em desenvolvimento.

Portanto, avaliar a assistência internacional americana simplesmente por meio da ajuda do governo distorce a magnitude e a eficácia da generosidade americana para com as nações pobres. Quando somamos nossas doações privadas à ajuda externa oficial de nosso governo, podemos entender melhor as verdadeiras dimensões da assistência americana. Quando avaliamos a natureza e a essência da assistência do setor privado, vemos abordagens que freqüentemente funcionam melhor — investimento de dinheiro nos mercados globais, emprego de tecnologia que liga os doadores privados diretamente às pessoas carentes, redução de custo do fornecimento da assistência e melhora da qualidade daquilo que é fornecido.

Estratégia efetiva

Estudos de casos dessas iniciativas do setor privado e de outros "novos modelos" revelam expressões práticas dos ideais americanos de responsabilidade pessoal, soluções práticas e localizadas e o cidadão como agente de mudanças. Os doadores de hoje são orientados para prática e resultados. Eles querem resultados mensuráveis obtidos com os parceiros locais; não têm paciência com critérios enigmáticos que atrapalham a assistência às pessoas. As "associações de imigrantes conterrâneos" que juntam dinheiro para ajudar diretamente suas comunidades estão tendo um impacto surpreendente. Faculdades e universidades em todos os Estados Unidos fornecem bolsas de estudos que reduzem a importância dos programas financiados pelo governo. Faculdades de administração de empresas estão ensinando modelos de filantropia de risco nos quais organizações sem fins lucrativos ajudam as pessoas nos países em desenvolvimento a abrir negócios, criar empregos e obter lucros. Empresas farmacêuticas e fabricantes de produtos médicos fornecem anualmente bilhões em programas de capacitação médica e assistência em serviços e produtos para o mundo em desenvolvimento. Novas fundações e entidades beneficentes estão revendo a infra-estrutura administrativa, o processo de tomada de decisão e a avaliação de resultados.

A revisão do *Índice* sobre a doação do setor privado americano confirma que os americanos continuam a ser inovadores e práticos, uma vez que ajudam a população pobre do mundo por meio de iniciativas individuais e comunitárias, de organizações sem e com fins lucrativos e por meio de uma variedade de novas plataformas e relacionamentos.

A Fundação Bill e Melinda Gates exemplifica a nova estratégia. Em 2005, a fundação — a maior instituição filantrópica do mundo — aumentou sua doação para a saúde global, contribuindo com mais de US\$ 436 milhões por meio de sua iniciativa *Grand Challenges in Global Health* (Grandes Desafios em Saúde Global). Essa parceria público-privada apóia projetos de pesquisa envolvendo cientistas de 33 países para criar tecnologias para o mundo em desenvolvimento: tecnologia da saúde que seja fácil de transportar, usar e que seja eficaz. A *Grand Challenges* é uma parceria entre a Fundação Gates e os Institutos Nacionais de Saúde do governo dos EUA. Além disso, o Fundo Britânico Wellcome forneceu US\$ 27 milhões e os Institutos Canadenses de Pesquisa em Saúde forneceram US\$ 4,5 milhões. A iniciativa ilustra uma parceria público-privada internacional ideal: angaria fundos públicos e privados e reúne talentos e habilidades especiais de cada setor para aplicar às necessidades cruciais de desenvolvimento no mundo todo.

Para atingir seu objetivo de "... que todas as pessoas — não importa onde morem — tenham a chance de ter uma vida produtiva e saudável", a Fundação Gates adotou uma estratégia prática e eficaz. Onde os esforços governamentais corriqueiros falham, a fundação reúne os parceiros certos e a experiência específica necessária



Cortesia: Riders for Health

Motociclista a serviço da Riders for Health entrega remédios a pacientes no bairro de Binga, uma das regiões mais pobres do Zimbábue

para resolver um determinado problema. Dependendo da questão, a fundação pode trabalhar com governos, organizações sem fins lucrativos, empresas ou pessoas físicas — o que quer que seja necessário para a realização do trabalho. Esses esforços criaram novos incentivos para o envolvimento corporativo e redefiniram os limites do público-privado tradicional, tudo para de ter "o maior impacto para a maioria das pessoas". [<http://www.gatesfoundation.org/AboutUs/Announcements/Announce-070109.htm>]

Derrubando fronteiras

Nas últimas duas décadas, novas espécies de relacionamentos internacionais e institucionais emergiram para ajudar a população carente no mundo em desenvolvimento, eliminando fronteiras entre países doadores e beneficiários e limites entre modelos de organizações com e sem fins lucrativos. Na África rural, transportar doentes para instalações médicas apropriadas pode ser um problema sério. Programas oficiais de assistência gastaram somas significativas na compra de veículos para esse fim, mas faltavam motoristas qualificados e os veículos eram subutilizados ou não funcionavam por falta de manutenção.

Entram em cena o motociclista californiano Randy Mamola, estrela do Moto Grand Prix e seus colegas Andrea e Barry Coleman. Analisando cuidadosamente as necessidades e circunstâncias locais e muitas vezes trabalhando com autoridades locais de saúde pública e governos nacionais, o trio fundou a Riders for Health [Motociclistas em Prol da Saúde] com sede no Reino Unido. A organização arrecadou doações privadas para financiar a capacitação de motoristas e outros profissionais necessários em Uganda, Gâmbia e Lesoto. Atualmente, a Riders for Health é administrada inteiramente por equipes africanas e mantém veículos de duas e quatro rodas que prestam serviços de saúde a quase 11 milhões de pessoas em toda a África.

Um paciente com Aids do bairro de Makoni, no Zimbábue, explica como a Uhuru — motocicleta especial desenvolvida pela Riders for Health para todos os tipos de terrenos acidentados — facilitou sua vida e a de sua família: "Antes da Uhuru, chegar ao hospital costumava ser um pesadelo. Minha família tinha que sair e alugar um veículo para me pegar em casa e me levar até lá".

A Uhuru também possibilitou às equipes médicas



Noah Berger© AP Images

Em 2006, para agradar aos consumidores que desejam ver o dinheiro de suas compras bem empregado, a loja Gap começou a doar metade dos lucros de sua marca (PRODUCT) RED™ para o Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária

prestar ajuda importante no tratamento de doenças evitáveis. Um estudo, conduzido pela Riders for Health e autoridades de saúde pública local no Zimbábue, documentou uma redução de 20% nos novos casos de malária no bairro de Binga, onde a Riders atuava. Os bairros vizinhos de Binga continuaram a sofrer com índices crescentes de infecção.

A vantagem da tecnologia

A tecnologia aplicada é outra área na qual novas estratégias e parcerias têm um efeito profundo na assistência ao mundo em desenvolvimento, inclusive no fornecimento e uso de remessas de dinheiro. Esses pagamentos de imigrantes a suas famílias em seus países de origem ajudam enormemente a tirar as pessoas da pobreza no mundo em desenvolvimento. Novas tecnologias permitem que cada dólar enviado chegue quase integralmente ao destinatário pretendido mediante redução dos custos de transmissão, direcionando mais remessas de valores para o investimento e "oferecendo serviços bancários aos sem-banco" — integrando pessoas pobres no setor financeiro por meio de contas de poupanças e crédito.

Sistemas de pagamentos eletrônicos transfronteiriços estão entre o número crescente de opções para evitar os custos relativamente altos de transferência de fundos. O Banco Federal Reserve dos EUA, por exemplo, atualmente conecta seu sistema de transferência automatizada ao seu congênere mexicano sob a Parceria para a Prosperidade entre Estados Unidos e México. As taxas de transferência eletrônica de dinheiro entre os Estados Unidos e o México caíram para US\$ 0,67 por transação. Serviços de remessa de valores incentivam remetentes e destinatários a substituir as transações em dinheiro vivo por transações via conta bancária, permitindo que remetentes e destinatários acumulem capitais, ganhem juros e façam empréstimos para investimentos empresariais.

Os americanos freqüentemente enfatizam a iniciativa individual, a independência e a responsabilidade pessoal como valores fundamentais. Vemos a aplicação desses valores quando os americanos usam a internet para reinventar a filantropia global. Doadores potenciais e beneficiários se encontram por meio de blogues e sites de relacionamento, onde os links diretos de baixo custo ou gratuitos são abundantes e a publicidade é "viral", espalhando-se rapidamente por meio da Rede Mundial de Computadores. Voluntários virtuais ajudam a divulgar as necessidades e atrair novos doadores. Com meios seguros para o uso dos cartões de crédito, os doadores podem doar diretamente a suas causas prediletas. Doadores, voluntários potenciais e organizações beneficiárias podem consultar portais, tais como change.org, dosomething.org, e firstgiving.com para identificar causas dignas para suas doações, oportunidades de voluntariado ou para listar seus projetos para doadores potenciais.

Uma parceria mais estreita

Esses são apenas alguns dos exemplos de como a eficiência do setor privado ajuda a criar prosperidade no mundo em desenvolvimento. A ajuda externa

governamental deveria se fundir o máximo possível com os projetos privados e instituições locais, particularmente com o número crescente de fundações comunitárias no mundo em desenvolvimento. Essas fundações aumentaram mais de 25% entre 2000 e 2005. Vajiraya Buasari, chefe de uma organização filantrópica local na Tailândia, diz que sua organização pode resolver problemas com sucesso porque "somos uma organização não-governamental, agimos imediatamente, gastamos corretamente e somos responsáveis".

Fazendo parcerias mais diretamente com instituições locais no mundo em desenvolvimento, os Estados Unidos e outros doadores governamentais sujeitam suas iniciativas

a um teste de mercado crucial. Projetos financiados pelo setor público que atraem fundos privados e voluntários têm mais probabilidade de produzir resultados sólidos e de se tornar sustentáveis. Essas parcerias podem fornecer ajuda diretamente às pessoas, desenvolver relacionamentos de igual para igual e criar instituições duradouras com maior potencial para resolver os desafios alarmantes da pobreza mundial, da saúde, do meio ambiente e dos direitos individuais. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Transformando a Diplomacia — e Vidas



A secretária de Estado, Condoleezza Rice, gesticula ao falar sobre “Diplomacia Transformacional: Como Enfrentar o Desafio do Século 21”, na Universidade de Georgetown em Washington, DC

Ao falar na Escola de Relações Exteriores da Universidade de Georgetown em janeiro de 2006, a secretária de Estado, Condoleezza Rice, observou que as tecnologias modernas "estavam acabando com a distância que antes separava claramente o 'aqui' do 'ali'". Em função disso, segundo ela, interesses relacionados com segurança, ideais democráticos e esforços de desenvolvimento cada vez mais se misturam. A diplomacia já não pode ser, como os historiadores costumavam afirmar, "o que um funcionário escreveu para outro" ou o que certa vez o escritor austríaco Karl Krauss considerou ser "um jogo de xadrez".

A secretária Rice pediu uma nova "diplomacia transformacional", em que a assistência a outros povos e países tenha um papel proeminente. Em seu mandato, a meta das novas diretrizes estratégicas para a assistência externa americana é "ajudar a criar e a manter Estados democráticos bem governados que respondam às necessidades de seu povo, reduzam a disseminação da pobreza e se comportem com responsabilidade no sistema internacional".

O discurso da secretária estimulou uma transformação das instituições diplomáticas e de assistência nacionais. "Postos de presença" localizados levam os diplomatas americanos aos principais centros populacionais regionais e os colocam em contato com mais pessoas. No Departamento de Estado, o novo Escritório de Reconstrução e Estabilização coordena esforços para ajudar sociedades a se recuperarem de conflitos ou guerras civis. Equipes de resposta rápida prestam assistência a nações que combatem a gripe aviária e outras doenças. As agências têm sido consolidadas para melhorar a ajuda prestada onde e quando for necessário. O administrador da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) agora também atua como diretor de Assistência Externa do Departamento de Estado e é responsável pela coordenação da estratégia de toda a ajuda externa dos EUA.

Novas e criativas iniciativas como a Corporação Desafio do Milênio, o Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar) e outras descritas nesta revista fazem avançar a diplomacia transformacional ao elaborar cuidadosamente programas de ajuda específicos e auxiliar as nações a criar as condições nas quais esses programas possam funcionar.

Sem dúvida, o contato pessoal pode ser a mais transformadora das diplomacias. "Os cidadãos diplomatas", disse a subsecretária de Estado para Diplomacia e Assuntos Públicos, Karen Hughes, "estão entre os maiores bens diplomáticos de uma nação".

As páginas a seguir descrevem uma variedade de parcerias públicas, privadas e público-privadas destinadas a auxiliar os povos que passam necessidade — diplomacia transformacional em funcionamento, em todo o mundo, todos os dias.

Heart Fund Salva Vida de Crianças

Sargento técnico Jack West

BASE AÉREA DE MANAS, Quirguistão — Desde sua fundação, em 2003, a Sociedade de Atendimento Social da Base Aérea de Manas (Mabos), por meio do Children's Heart Fund [Fundo para Crianças Cardíacas], já salvou 76 crianças nascidas com um orifício no coração. Dezesseis crianças foram salvas desde janeiro.

"É uma grande ajuda", disse Gula Tolkonbek, mãe de Nazik, paciente de 10 anos que passou por uma cirurgia cardíaca.

"Gastamos todo o nosso dinheiro com os tratamentos antes da cirurgia. Tentamos levantar dinheiro em vários lugares. Essa foi a última tentativa. Obrigada", disse.

O problema mais comum que afeta os recém-nascidos é o chamado forame oval patente (FOP). Todos os bebês têm um orifício no septo cardíaco durante o desenvolvimento embrionário, mas em 80% dos casos ele se fecha antes do nascimento.

Nas pessoas com FOP, o orifício não fecha e o sangue vai direto do lado direito do coração para o lado esquerdo sem passar pelos pulmões para oxigenar.

O sangue não oxigenado é então bombeado para o corpo, resultando em um problema chamado hipóxia. Como o sangue não é oxigenado, as células do corpo não recebem o oxigênio de que necessitam e a pessoa fica com cor azulada e pouquíssima energia.

O FOP é um defeito de nascença, não uma doença. Sua causa ainda não foi totalmente esclarecida, mas sabe-se que é um problema congênito (genético) e acredita-se que seja causado por um pré-natal passado em altas altitudes.

A maioria dos pacientes cardíacos auxiliados pela Mabos são crianças cujas mães moraram em altas altitudes durante a gravidez.

O FOP não é um problema somente aqui, mas também em locais de altitude alta nos Estados Unidos, como o Colorado.

"É um problema comum, mas não se ouve muito sobre ele nos EUA porque costuma ser cuidado prontamente", disse o médico Ryan Lewis,

do 376º Grupo Médico Expedicionário. "Aqui eles simplesmente não têm recursos."

Os pacientes são trazidos à base de Mabos por James Carney, o elo de ligação entre o Children's Heart Fund e a Mabos.

Carney, nascido em Montana, mora em Bishkek com a mulher e família.

A entidade onde as cirurgias são realizadas, o Instituto de Pesquisa sobre Cirurgia Cardíaca e Transplante de Órgãos, em Bishkek, notifica Carney sobre as famílias em necessidade. Ele verifica a situação para se certificar de que a família de fato passa necessidade e depois informa o presidente da Mabos.

A Mabos paga US\$ 560 por cirurgia para corrigir o defeito no coração com uma peça chamada oxigenador.

Durante a cirurgia, o sangue do paciente é desviado do coração e dos pulmões para máquinas, o que permite aos cirurgiões trabalhar no coração.

O oxigenador pago pela Mabos funciona como um pulmão mecânico.

"Os pacientes melhoram imediatamente após a cirurgia porque suas células passam a obter o oxigênio que não estavam obtendo antes da cirurgia", disse o dr. Samudin Esenbekovich Shabyratier, do Instituto de Pesquisa.

Infelizmente, até que se tenha certeza da causa desse problema e que o defeito seja eliminado, o Children's Heart Fund continuará sendo necessário. Enquanto houver necessidade, a Mabos estará lá para fazer sua parte. ■

— O sargento Jack West é assistente do capelão da Força Aérea dos EUA. Este artigo foi publicado originalmente no site da 376ª Esquadilha Expedicionária (AEW), Base Aérea de Manas, Quirguistão. É de domínio público, sem restrições à reprodução.



História em Fotos:

UMA CONEXÃO COM A GUATEMALA

(Todas as fotos: cortesia da Igreja Metodista Unida do Vale)



Este grupo de Oakton, Virginia, passou uma semana trabalhando nas regiões montanhosas da Guatemala para ajudar os indígenas maias a melhorar suas condições de vida

Os membros da Igreja Metodista Unida do Vale, pequena congregação de um bairro rural de Washington, D.C., apoiam programas de ajuda aos necessitados tanto no país como no exterior. Por meio do Projeto de Apoio às Regiões Montanhosas (HSP), a igreja do Vale está trabalhando para construir relacionamentos com as mulheres maias nas regiões montanhosas da Guatemala com vistas a incentivá-las a cuidar de suas vidas e melhorar suas comunidades. Um grupo da igreja viaja para a Guatemala todo verão para ajudar a construir casas e fogões e para ensinar novas habilidades aos nativos. Os fogões que o grupo constrói são especialmente importantes porque substituem os velhos fogões sem ventilação e fogueiras que causam problemas nos olhos e doenças do trato respiratório superior, principal causa de morte de crianças nas regiões montanhosas. Os novos fogões de três bocas também diminuem a carga de trabalho das mulheres e reduzem muito o consumo de lenha em uma área penalizada por deslizamentos e inundações decorrentes do desmatamento.

Uma voluntária que comemorou seu 70^o aniversário durante a viagem à Guatemala em 2006 e voltou em 2007, resumiu sua experiência: "Não se trata de o doador se sentir bem. Nós precisamos dar o que eles precisam e não o que pensamos que eles precisam. Tínhamos intenção de construir um relacionamento e não apenas uma casa." Outros comentários de voluntários aparecem no decorrer da história.



História em Fotos:



Voluntário constrói fogão que será ventilado para reduzir a fumaça dentro de casa

“Era emocionante ver a agitação e ouvir todos os risos das mulheres ao decidirem onde colocar seu novo fogão.”



Mulheres maias tricotam; algumas peças serão vendidas em mercado internacional de artesanato e outras serão usadas por suas famílias



Quando prontos, fogões simples como esse melhorarão significativamente a vida das famílias maias



Antes de a equipe da Vale partir, as mulheres que receberam fogões os presentearam com uma refeição e flores de tecido confeccionadas por elas

“Pensei que não podíamos fazer grande coisa com tão poucas pessoas... Estava enganada... nós fizemos!!!!”



História em Fotos:

“Para o evento de captação de recursos, eles tinham várias ‘salas’, nas quais pagávamos para entrar. Em uma eram expostos trajes típicos indígenas que podíamos experimentar por US\$ 1,00; em outra havia a apresentação de danças folclóricas por crianças; outra exibia o trabalho artístico de crianças (algumas peças à venda); e outra tinha peças de tecidos que podíamos comprar.”



No último dia da viagem, os maias fizeram uma celebração especial que também se tornou um evento para captação de recursos. Vários voluntários do estado da Virgínia divertiram-se aprendendo uma nova dança



A equipe da Vale organizou atividades para as crianças — construção de aviões de papel, corrida de saco, pular corda e dança do "limbo", em que os participantes curvam-se para trás e passam várias vezes debaixo de uma vara de madeira



“Foi difícil deixar o vilarejo na despedida, pois as crianças se aglomeravam ao redor do ônibus dando tchau”

“Visitamos salas de aulas, tivemos nossa cara pintada, experimentamos trajes maias, tiramos fotos e compramos algumas peças tecidas pelas mulheres. Eles fizeram um bom dinheiro, e o dia foi um grande sucesso. Diante de todos aqueles sorrisos radiantes uma coisa ficava clara; eles estavam satisfeitos com seus esforços.”

EUA Criam Fundo Público-Privado de Ajuda a Mulheres e Crianças Refugiadas

David Anthony Denny



Mulheres cantam em campo de refugiados em Monróvia, capital da Libéria

O Departamento de Estado criou um novo fundo que aceita doações de pessoas físicas e jurídicas para atender às necessidades básicas de mulheres e crianças refugiadas.

Lançado em 20 de junho, Dia Mundial do Refugiado 2007, o Fundo Internacional para Mulheres e Crianças Refugiadas é uma parceria entre o Bureau de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado e o setor privado. Seu objetivo é fornecer assistência básica a mulheres e crianças refugiadas, uma vez que elas formam a maioria daqueles que fogem da violência e dos distúrbios civis.

O governo dos EUA tem o seu próprio fundo

para ajudar os refugiados. Esse fundo destina cerca de US\$ 500 milhões por ano para ajudar essas pessoas a sobreviver e uma média de US\$ 300 milhões anuais para ajudar no reassentamento permanente de refugiados nos Estados Unidos. Mas os recursos do governo são voltados para as necessidades imediatas de sobrevivência dos refugiados e, com frequência, as necessidades de longo prazo são negligenciadas na competição por recursos limitados. Os recursos do governo dos EUA visam principalmente os primeiros 90 dias críticos da crise. É nesse período que as necessidades básicas de sobrevivência – abrigo, alimento e água – são mais vitais e as condições locais, quase sempre caóticas. Mas muitas

Ben Curtis © AP Images

crises continuam além dos 90 dias.

Segundo a secretária adjunta Ellen Sauerbrey, que administra o Bureau PRM do Departamento de Estado e concebeu o fundo de doações privadas, "os refugiados foram praticamente expulsos de seus países, perderam seus lares e membros queridos de suas famílias; eles não deveriam perder também o seu futuro e o de suas crianças". A educação será um dos componentes principais das atividades do fundo, concluiu.

Devido às turbulências e aos distúrbios civis, muitos refugiados são analfabetos e seus filhos também não podem freqüentar a escola. Esse fundo buscará projetos que cuidem da educação básica e do ensino profissionalizante.

Uma forma eficiente e segura de ser generoso

O fundo oferece a pessoas, empresas e fundações uma maneira segura, fácil e eficiente de doar. O Departamento de Estado sabe quais são as necessidades dos refugiados e onde se fazem presentes, principalmente onde estão as falhas de fornecimento de assistência. O departamento também acumula extensa experiência em ajuda humanitária e tem meios para monitorar e avaliar um projeto assistencial. Os fundos coletados irão para os parceiros habituais do PRM que fazem a implementação, como a *Save the Children* [Salvem as Crianças], a Visão Mundial e outras organizações respeitáveis de assistência humanitária que atuam na área. Os agentes do PRM se encarregam de acrescentar esses novos fundos privados a acordos existentes, eliminando o custo administrativo adicional.

O novo fundo destina-se a atender às necessidades dos refugiados após os primeiros 90 dias. Por exemplo: as crianças estão na escola? As mulheres estão seguras contra a violência e estão recebendo capacitação para cuidar de suas famílias e de seu sustento após o final da crise? Com muita freqüência, os refugiados passam anos em campos fora de seus países antes de poder retornar às suas casas.

Há exemplos de esforços anteriores nessa área.

A Comissão Internacional de Resgate, em parceria com o Departamento de Estado, organizou cursos de capacitação para professores para os refugiados liberianos que permaneciam em campos na Guiné e em Serra Leoa. Após 14 anos de conflito civil, os refugiados estão agora voltando às suas casas. Entre os primeiros a retornar estão os professores capacitados pela Comissão Internacional de Resgate, cuja tarefa será ajudar a construir um futuro brilhante para as crianças liberianas.

Prioridades do fundo

Esse novo fundo tem três prioridades para mulheres e crianças refugiadas:

- **Proteção:** mulheres e meninas refugiadas geralmente correm risco de estupro ou de trabalho escravo. Por exemplo, as mulheres refugiadas em Darfur são com freqüência estupradas quando saem dos campos à procura de lenha.
- **Educação:** ensinar as crianças refugiadas a ler, escrever e contar cria uma geração de pessoas alfabetizadas capazes de liderar esforços de recuperação e reconstrução em seus países. A curto prazo, torna as crianças menos vulneráveis aos combatentes que geralmente procuram recrutar meninos como soldados e aos que estupram e exploram meninas.
- **Habilidades úteis:** mães alfabetizadas podem dar continuidade à educação de suas crianças quando elas não estão na escola e aprender métodos melhores para cuidar da saúde, higiene e nutrição de suas famílias. Viúvas e mães solteiras, em especial, precisam adquirir habilidades úteis para poder trabalhar e sustentar suas famílias. Educar as mães permite que toda a família tenha um futuro promissor ■

— *David Anthony Denny é membro da equipe de redação do Departamento de Estado dos EUA. Este artigo foi publicado originalmente no site usinfo.state.gov.*

Filtro para Retirar Arsênico da Água Leva Esperança a Milhões de Pessoas

Jeffrey Thomas



Cortesia: Evan Cantwell, Universidade George Mason

Abul Hussam (à esquerda) e estudante de pós-graduação da Universidade George Mason mostram o filtro SONO

O vencedor de conceituado prêmio de engenharia está trabalhando de forma incansável para garantir que as comunidades carentes do mundo todo se beneficiem de seu invento, que remove arsênico e outras impurezas da água tirada de poços tubulares.

Abul Hussam, professor de química da Universidade George Mason, na Virgínia, destinou a maior parte do US\$ 1 milhão que ganhou como vencedor do Prêmio do Concurso Grainger de 2007 para distribuir seu sistema de filtragem de água de baixo custo a populações carentes de nações como Bangladesh, seu país de origem, onde entre 77 milhões e 95 milhões de pessoas bebem água contaminada com

arsênico. O dinheiro restante foi doado à universidade ou guardado para mais pesquisas.

A contaminação por arsênico é um problema grave nos poços tubulares de Bangladesh, leste da Índia, Nepal e vários outros países. O arsênico é venenoso e, mesmo em baixa concentração, pode causar doenças de pele, prejudicar o sistema nervoso, causar tipos graves de câncer, falência de órgãos e perda de braços e pernas, bem como levar à morte.

Hussam interessou-se por trabalhar profissionalmente com o problema do arsênico quando seu irmão, médico da cidade de Kushtia, Bangladesh, pediu-lhe para desenvolver uma técnica que mensurasse com precisão o arsênico. Como parte da

sua pesquisa na Universidade George Mason, Hussam criou um analisador eletroquímico e o utilizou no desenvolvimento de um protocolo de medição. "A primeira amostra que mensuramos foi do poço da nossa casa, e encontramos de 160 até 190 partes por bilhão [ppb] de arsênico — o limite é 50 ppb. Decidimos então desenvolver um filtro para a água", disse ele.

Hussam descobriu que toda a vizinhança do local onde cresceu e 60% dos 400 mil habitantes de Kushtia estavam bebendo água contaminada por arsênico. Embora ele e seus irmãos não tenham desenvolvido sintomas de envenenamento por arsênico, outras pessoas da sua comunidade desenvolveram.

O filtro de água de Hussam é simples, barato e confeccionado com materiais fáceis de serem encontrados.

O Prêmio do Concurso Grainger foi instituído pela Academia Nacional de Engenharia (NAE) com o apoio da Fundação Grainger. A NAE propôs que a comunidade americana de engenharia desenvolvesse um sistema de tratamento de água que reduzisse significativamente o arsênico contido na água subterrânea extraída de poços tubulares nos países em desenvolvimento. O concurso estipulava que o sistema vencedor fosse de baixo custo, tecnicamente resistente, confiável e passível de manutenção; fosse socialmente aceitável e de custo acessível; pudesse ser produzido e utilizado em um país em desenvolvimento; e não degradasse outras características da qualidade da água ou desse origem à disposição de resíduos tóxicos perigosos.

O filtro SONO, como Hussam o denomina, foi um dos 75 inscritos no concurso. Ele foi testado em um laboratório da Agência de Proteção Ambiental dos EUA e analisado pelos 10 membros da comissão de seleção do prêmio, segundo o presidente da comissão, Charles O'Melia, da Universidade Johns Hopkins, em Maryland, que chamou a invenção de Hussam de "inovadora".

O filtro SONO funciona sem eletricidade, usando três tanques sobrepostos. O tanque superior é enchido com areia de rio grossa e uma matriz de ferro composto que atua como componente ativo de remoção de arsênico. O tanque do meio contém areia grossa de rio e carvão vegetal para remover impurezas

orgânicas. O tanque inferior contém areia fina de rio e fragmentos de tijolo para remover as partículas finas e estabilizar o fluxo da água. O filtro SONO é produzido em Bangladesh com o emprego de matérias-primas locais, a um custo de US\$ 35 a US\$ 40. O filtro produz 20 litros de água potável por hora, necessita de pouca manutenção e tem duração mínima de cinco anos. É também "verde" uma vez que não produz nenhum resíduo perigoso.

Hussam relatou que distribuiu 32.500 filtros em Bangladesh, incluindo mais de mil escolas. "Começamos a observar os resultados de beber água limpa em pacientes que têm se curado de melanose e queratose [doenças de pele] e em muitas pessoas que se sentem melhor", disse. As pessoas também estão mais conscientes da importância da água limpa e potável.

"Temos planos de distribuir o filtro na Índia e no Nepal", informou Hussam.

O trabalho de Hussam sobre a contaminação por arsênico e sua colaboração com outros pesquisadores para criar um laboratório de pesquisa ambiental em Bangladesh ilustra a sinergia que pode se desenvolver entre instituições americanas e de outros países como resultado da educação de um único indivíduo.

Hussam veio para os Estados Unidos como estudante de pós-graduação em 1978, juntou-se ao Departamento de Química da Universidade George Mason após ter concluído seu doutorado na Universidade de Pittsburgh, na Pensilvânia, e sua pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Minnesota. "Desde 1983 estou em contato com meu irmão médico, que estava tentando criar um laboratório de diagnóstico clínico em Kushtia, minha cidade natal. Também ajudei meus professores na Universidade de Daca a criar um laboratório eletroquímico e proferi palestras em diferentes instituições", contou.

"A experiência nos Estados Unidos foi de imenso valor", concluiu Hussam, que se tornou cidadão americano em 1978. "Devo dizer que tive excelentes colegas, aqui e no exterior, que foram receptivos e prestativos." ■

— Jeffrey Thomas é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais. Este artigo foi publicado originalmente no usinfo.state.gov.

Diáspora Etíope Ajuda Assistência Médica do seu País

Jim Fisher-Thompson



Karel Prinsloo/AP Images

Por meio da Fundação Etíope de Apoio à Saúde, membros da diáspora etíope nos Estados Unidos procuram ajudar a população carente da sua terra natal, como essa criança que pede esmola em Adis Abeba

A ajuda internacional do governo dos Estados Unidos totaliza hoje mais de US\$ 26 bilhões por ano, mas as doações filantrópicas de organizações não-governamentais (ONGs) como a Fundação Etíope de Apoio à Saúde também contribuem de modo significativo para suprir as necessidades humanitárias e o desenvolvimento dos países mais pobres.

A fundação, concebida e administrada por membros da diáspora etíope nos Estados Unidos, ajudou a criar a Clínica Saint Yared em Adis Abeba, em 2006, e planeja construir em breve um hospital geral que disponha de 100 a 200 leitos.

As atividades da fundação e os desafios para fornecer assistência médica na Etiópia foram objeto de pronunciamento do ex-embaixador dos EUA no país,

David Shinn, que falou a um grupo em 19 de maio de 2007 na Cidade de Kansas, no Missouri.

"Não obstante toda a sua beleza e o seu povo trabalhador, a Etiópia é um dos países mais pobres do mundo", disse Shinn. Segundo ele, o país tem somente três médicos para cada 100 mil pessoas aproximadamente, e a expectativa de vida dos cidadãos ao nascer é de 49 anos para os homens e 51 anos para as mulheres.

A quase inexistência de um sistema de saúde etíope é agravada por uma taxa de natalidade anual de 2,3%, que aumenta a população em 2 milhões todos os anos, informou Shinn, atual professor adjunto da Escola Elliott de Assuntos Internacionais da Universidade George Washington.



© AP Images

Criança etíope recebe vacina oral contra pólio perto de Butajira, ao sul da capital Adis Abeba

A Clínica Saint Yared de Adis Abeba é popular, declarou Shinn, porque dispõe de um programa eficiente de médicos e enfermeiros convidados, incluindo uma equipe do Missouri, que oferecem serviços de assistência médica na clínica e dão treinamento na escola de enfermagem. Além disso, a clínica concede ampla gama de serviços de assistência médica voluntária a um orfanato que abriga 200 crianças.

Atualmente a Fundação Etíope de Apoio à Saúde busca apoio financeiro para manter a clínica em funcionamento, construir o hospital geral planejado e arcar com os custos de transporte para despachar as doações de equipamentos médicos feitas ao país, informou Shinn.

Como meta de longo prazo, a fundação está

ajudando a desenvolver o Plano para Manutenção de Assistência Médica Saint Yared, concebido para desempenhar um papel revolucionário no sistema de saúde da Etiópia, esclareceu o professor.

A exemplo de muitas ONGs filantrópicas americanas, a Fundação Etíope de Apoio à Saúde não tem funcionários remunerados. Toda a equipe é composta por voluntários, e cada dólar doado vai diretamente para as unidades de assistência médica na Etiópia. ■

— *Jim Fisher-Thompson é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais. Este artigo foi publicado originalmente no usinfo.state.gov.*

Crianças panamenhas beneficiam-se com visita de navio-hospital americano

David Shelby



Ariana Cubillos/© AP Images

Médico empurra paciente para a sala de recuperação após cirurgia a bordo do navio-hospital da Marinha dos EUA USNS *Comfort*, junto à costa do Haiti. O hospital flutuante fornece aos residentes locais vacinações gratuitas, exames de vista, tratamento dentário e procedimentos cirúrgicos

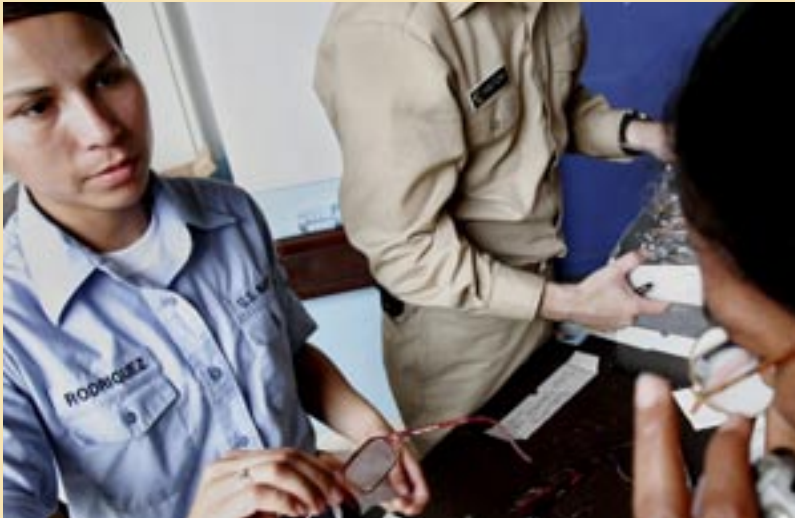
Colón, Panamá — Yukeicha Newell sabe exatamente o que quer fazer quando terminar a escola. Seu sonho é abrir um salão de beleza. Mas, nos últimos dois anos, essa garota panamenha de 15 anos nunca se sentiu bonita. Um grande cisto em seu pescoço era motivo de importunações e constrangimento.

A mãe de Yukeicha levou-a a diversos médicos locais, mas nenhum deles dispunha dos equipamentos para remover o cisto. Eles também temiam que a operação delicada pudesse prejudicar a voz da menina para sempre.

Ao saber que o navio-hospital *Comfort*, da Marinha

americana, ficaria atracado no porto de Colón, no Panamá, um dos médicos de Yukeicha recomendou que a menina procurasse os cirurgiões do navio para ver se eles poderiam fazer alguma coisa. Uma breve passagem pela sala de cirurgia do navio mudou a aparência de Yukeicha e ofereceu-lhe a perspectiva de uma vida mais normal.

O *Comfort* leva mais de 500 profissionais de saúde em viagem de quatro meses por 12 países da América Latina e do Caribe com a missão de oferecer serviços essenciais de saúde, pequenas cirurgias, reabilitação clínica, conserto de equipamentos médicos e treinamento médico



Luis Romero © AP Images

Junto à costa da Nicarágua, residente local (direita) recebe novo par de óculos a bordo do navio-hospital USNS *Comfort*

para os profissionais de saúde locais.

Entre os milhares de exames médicos e odontológicos realizados pela equipe do navio em Colón, alguns detectaram problemas graves de saúde que poderiam ter passado despercebidos e, como observou o oficial responsável pela equipe médica do navio, Bruce Boynton, até um abscesso no dente pode matar uma pessoa se não for tratado. Diversos outros exames serviram apenas para aliviar dores e sofrimentos menos graves. No entanto, alguns dos procedimentos realizados no *Comfort* mudam a vida das pessoas de forma drástica.

A enfermeira Diane Speranza, que estava a bordo do navio e é voluntária da organização não-governamental Projeto Hope, faz a triagem nas clínicas comunitárias montadas pelo pessoal do navio em cada porto. Ao ser entrevistada, ela contou o caso de uma mulher que chegou na clínica em Colón com um enorme cisto sebáceo sobre o olho. Normalmente, esse tipo de caso seria encaminhado para operação nas salas cirúrgicas do navio, mas não havia mais horário livre para uso das salas naquela altura.

Um cirurgião voluntário do Projeto Hope, no entanto, recusou-se a dispensar a paciente. Ele conseguiu um par de luvas esterilizadas e um bisturi. Usando fraldas descartáveis para forrar o entorno do ponto da incisão, ele operou o cisto.

Speranza disse que a equipe deu à paciente um espelho após a operação, e ela ficou maravilhada com

sua aparência sem o calombo em cima do olho. "Ela ficou tão feliz! Isso terá impacto permanente em sua vida", comentou Speranza. "Mudou seu visual. Ela está mais feliz consigo mesma."

Para Speranza, a iniciativa do cirurgião mostra que não é preciso uma sala cirúrgica cara para mudar uma vida. "Onde há vontade, há um caminho", concluiu.

Mark Andrews, membro da equipe do navio-hospital da Marinha, trabalha como oculista nas clínicas comunitárias do *Comfort*. Ele conta que um jovem chegou à clínica com um grave problema de catarata que o deixara

com a visão turva em um olho e completamente cego do outro. Após cirurgia realizada a bordo do navio, o jovem recuperou a visão e pôde voltar a ter uma vida totalmente normal.

Embora a vida desse rapaz tenha passado por uma grande transformação, Andrews também encontra satisfação nas pequenas mudanças que pode provocar na vida das pessoas. Durante esses cinco dias em Colón, Andrews e sua equipe fizeram óculos para centenas de crianças. Ele disse sentir grande satisfação em saber que esses óculos permitirão às crianças ler livros e o quadro negro da escola nos próximos dez anos.

Para Andrews, o sorriso das crianças, quando conseguem enxergar claramente o rosto dos pais pela primeira vez em anos, faz com que seu trabalho seja totalmente recompensado.

"Essas expressões são a melhor parte do trabalho", afirmou. "Sinto-me recompensado dez vezes mais por todo o meu esforço."

Depois de atravessar o Canal do Panamá, o *Comfort* vai para a Nicarágua, onde repetirá o exercício. Andrews, Speranza e toda a equipe médica do navio querem ver quantas vidas ainda poderão melhorar com uma simples operação ou um mero par de óculos. ■

— David Shelby é chefe de Democracia e Assuntos Globais do Bureau de Programas de Informações Internacionais. Este artigo apareceu originalmente em [usinfo.state.gov](http://usinfo.state.gov/usinfo.state.gov)

Corpo da Paz Adapta-se a um Mundo em Mudança

Lauren Monsen



Cortesia: Corpo da Paz

O voluntário do Corpo da Paz Eduardo Gonzales com crianças no Panamá, onde ajudou a criar uma horta escolar para fornecer alimentos às crianças e servir de fonte de captação de recursos

Desde sua criação em 1961 pelo presidente John F. Kennedy, o Corpo da Paz dos EUA vem enviando voluntários para os países em desenvolvimento, não somente para ajudar a prestar serviços essenciais, mas também para promover melhor entendimento entre americanos e povos de outras culturas.

Segundo o atual diretor da agência, Ronald Tschetter, Kennedy esperava fazer avançar a causa da amizade e da paz mundial. O Corpo da Paz atual adaptou-se a um mundo em mudança, ao mesmo tempo que permaneceu fiel à sua missão, disse ele recentemente a repórteres em Nova York, no 46^o aniversário da agência.

Desde o início, os voluntários do Corpo da Paz viveram e trabalharam com cidadãos de países anfitriões, ensinando técnicas sustentáveis, sem deixar de respeitar a cultura local. O Corpo da Paz serviu em 139 países, e os projetos são destinados a

atender às "necessidades do país anfitrião", afirmou Tschetter.

O maior programa do Corpo da Paz é a educação — inclusive o ensino do inglês — seguido por programas de saúde, como imunização e educação em saúde. "A maior área de nosso trabalho em saúde é a prevenção do HIV/Aids, principalmente na África", disse Tschetter. Há também programas para dar apoio ao desenvolvimento de pequenas empresas, proteger o meio ambiente, promover avanços na agricultura e orientar jovens.

A idade média dos voluntários do Corpo da Paz é de 27 anos, continuou, "mas neste momento, o voluntário mais velho é uma mulher de 81 anos que serve na Tailândia". Há somente duas exigências para admissão no Corpo da Paz: ter pelo menos 18 anos e ser cidadão americano.

Ele declarou que a agência está tentando atrair



Pablo Anelli/© AP Images

Mercedes Anderson, voluntária octogenária do Corpo da Paz, brinca com crianças em um centro para crianças deficientes em Cochabamba, Bolívia

mais gente da geração *baby boom* – pessoas nascidas entre 1946 e 1964. Segundo ele, voluntários hoje na faixa dos 50 anos podem ter 30 anos de experiência profissional e contribuir com uma enorme gama de conhecimentos especializados e técnicas para os países em que trabalham.

São concedidos aos voluntários um local para moradia no país anfitrião e auxílio-manutenção, mais uma pequena ajuda financeira quando voltam após a conclusão de seus projetos de dois anos. Eles têm à disposição transporte e assistência médica enquanto estiverem no Corpo da Paz.

Embora não compense sob o ponto de vista monetário, o voluntariado no Corpo da Paz é profundamente gratificante, disse Tschetter. Os voluntários em geral descrevem o trabalho como "um acontecimento que mudou sua vida".

"Eles transmitem conhecimentos específicos à população local, compartilham valores americanos com outras pessoas no mundo todo e, por viverem entre as pessoas às quais servem, tornam-se parte da infra-estrutura local", informou.

Muitos voluntários ampliam o período de voluntariado para um terceiro ano e, às vezes, voltam ao Corpo da Paz após décadas de ausência, afirmou Tschetter.

Segundo essa autoridade, muitas vezes os voluntários contam que se sentem inteiramente em casa e seguros nas comunidades anfitriãs. Ele citou o seguinte caso: "Uma jovem, voluntária em um país de população predominantemente muçulmana,

disse que poderia ficar fora de seu apartamento na Califórnia por dois meses e ninguém daria por sua falta, mas caso se ausentasse por duas horas de sua aldeia adotiva, as pessoas bateriam na porta, perguntando se estava bem."

Tschetter disse a um repórter de Camarões que há cerca de 140 voluntários atualmente em seu país. Em Camarões, os programas ambientais do Corpo da Paz são importantes devido ao desmatamento e à falta de água potável, afirmou Tschetter. "Esses programas transformaram as aldeias locais."

O Corpo da Paz está fazendo a diferença em todos os outros lugares da África, continuou ele, citando uma campanha de saúde em andamento em Botsuana que está ajudando o país a realizar "grandes progressos no combate ao HIV/Aids".

A agência adaptou-se a um mundo em constante mutação, declarou. "A maior mudança é a tecnologia. Seu impacto foi sentido mesmo nas pequenas aldeias da Índia e da África. Atualmente quase todos os nossos voluntários têm telefones celulares para facilitar o trabalho e se manter em contato com suas famílias."

Contudo essas mudanças não alteram a missão fundamental do Corpo da Paz "e, até onde posso prever, nosso trabalho com as camadas mais populares sempre será necessário", disse ele.

Segundo Tschetter, a Ucrânia agora tem o maior contingente de voluntários, entre 375 e 400, mas, "com toda a probabilidade, diminuiremos essa quantidade à medida que o país se desenvolver".

O Corpo da Paz precisou deixar a Etiópia devido à instabilidade política, mas foi "recentemente convidado a retornar, e assim o faremos em 2007", informou. "Estabeleceremos um programa exclusivo contra o HIV/Aids lá e, no futuro, poderemos ampliá-lo para outras regiões. Esperamos ansiosamente servir mais uma vez ao povo da Etiópia."

Os americanos estão cada vez mais conscientes da necessidade de maior envolvimento com o mundo lá fora, disse Tschetter, e o Corpo da Paz vem atraindo mais e mais voluntários. Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra Nova York e Washington, "o número de candidatos cresceu e tem se mantido em alta", afirmou.

Tschetter enfatizou que o Corpo da Paz está presente apenas em países que o convidam e que a agência não faz parte do aparato da política externa dos EUA.

"Não nos reportamos ao Departamento de Estado dos EUA; fazemos isso diretamente à Casa Branca", declarou. "Para nós é importante apresentar a verdadeira face dos Estados Unidos aos países em que trabalhamos." ■

— *Lauren Monsen faz parte da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais. Este artigo apareceu originalmente em usinfo.state.gov.*

Alpinista Americano Constrói Escolas no Paquistão e no Afeganistão

Afzal Khan



Cortesia: Greg Mortenson

O best-seller *A Terceira Xícara de Chá* conta como Greg Mortenson trabalhou com líderes locais para construir a primeira escola na aldeia de Korphe, no Paquistão. Seu Instituto da Ásia Central já construiu dezenas de escolas no Paquistão e no Afeganistão

Um alpinista Americano cuja vida foi salva por habitantes de uma aldeia nas Montanhas Karakoram, no Paquistão, durante uma tentativa frustrada de escalar o segundo pico mais alto do mundo, retribuiu construindo escolas no norte do Paquistão e no nordeste do Afeganistão. Greg Mortenson estava perdido e faminto na geleira Baltoro, em 1993, após uma tentativa fracassada de alcançar o cume de 8.611 metros de altura do Monte Godwin-Austen, ou K2, a segunda montanha mais alta do mundo.

Mortenson foi encontrado por habitantes da aldeia de Korphe, que cuidaram dele até que recuperasse a saúde. Nessa escalada ao cume, a equipe de 12 alpinistas perdeu cinco membros durante a descida. Dois alpinistas conseguiram alcançar o topo. Mortenson teve de voltar quando estava a 600 metros do pico. Devido à sua conformação íngreme, o Monte Godwin-Austen é mais difícil de escalar do que o Monte Everest, o pico mais alto do mundo.

Enquanto se recuperava em Korphe, Mortenson notou que a aldeia não tinha escola e as crianças faziam

suas lições escrevendo na areia com gravetos no topo de uma montanha. O professor dividia seu tempo entre Korphe e uma aldeia vizinha, porque os moradores de Korphe sozinhos não podiam arcar com o seu salário, o equivalente a um dólar por dia.

Após recuperar a saúde, Mortenson disse ao chefe da aldeia que retornaria à Korphe um dia para construir uma escola para as crianças. Ele cumpriu sua promessa em 1996 e seguiu construindo mais 54 escolas no norte do Paquistão e no nordeste do Afeganistão, que empregam 527 professores e possuem mais de 22 mil alunos.

Após o forte terremoto que atingiu a região da Caxemira em outubro de 2005, Mortenson ajudou a construir mais de 30 tendas-escola. As 55 escolas que Mortenson já havia construído não foram atingidas pelo tremor.

A história de montanhismo de Mortenson, de como chegou perto da morte e de sua filantropia educacional é contada em seu livro *A Terceira Xícara de Chá*, que entrou na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos.

Mortenson, que foi enfermeiro do exército dos EUA e serviu na Alemanha, é filho de missionários cristãos que trabalharam na Tanzânia. A primeira contribuição para a escola de Korphe, de US\$ 100, foi feita pelo âncora Tom Brokaw que, como Mortenson, estudou na Universidade de Dakota do Sul e jogou no mesmo time de futebol americano que Mortenson. A segunda doação foi feita por alunos de uma escola de ensino fundamental de Wisconsin, onde a mãe de Mortenson era diretora. Eles contribuíram com US\$ 623,45 para a iniciativa "Doações para o Paquistão".

A primeira doação significativa foi feita pelo cientista filantropo suíço-americano Jean Hoerni, que contribuiu com US\$ 12 mil. Hoerni, que desempenhou um papel pioneiro nos primórdios da tecnologia da informação e foi um ávido alpinista nas cordilheiras himalaias e de Karakoram, legou mais tarde US\$ 1 milhão a uma organização sem fins lucrativos, o Instituto da Ásia Central, por ocasião da sua morte em 1997. Hoerni



Cortesia: Greg Mortenson

O Instituto da Ásia Central fazia parte dos vários grupos públicos e privados que responderam ao terremoto de outubro de 2005 na Caxemira

fundou o instituto e Mortenson o dirige atualmente.

Uma matéria de capa da revista *Parade* sobre o trabalho educacional de Mortenson ajudou a levantar mais de US\$ 1 milhão entre seus leitores para o Instituto da Ásia Central. Esses recursos mantiveram os projetos escolares a pleno vapor, e o instituto contratou pessoal da região.

Mortenson tornou-se um herói no Baltistão, cujos habitantes o chamam de "doutor", por usar com frequência seus conhecimentos de enfermagem para cuidar dos doentes. Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, as mulheres da aldeia entregaram-lhe preciosos punhados de ovos, pedindo que os levasse para suas irmãs na "aldeia" de Nova York.

Apesar de seus esforços na construção de escolas, Mortenson não conquistou a simpatia de todos.

Em uma ocasião, um clérigo xiita de uma aldeia do Baltistão emitiu uma fatwa, ou decreto religioso, dizendo que Mortenson era infiel e inadequado para ensinar as crianças – em especial as meninas. No entanto, um clérigo xiita de grau superior, de outro vilarejo, interveio mandando a fatwa para uma revisão final em Qom, centro xiita de peregrinação e estudos teológicos no Irã.

Alguns meses depois, a resposta veio em uma caixa de veludo vermelha. Quando um conselho de clérigos xiitas do Baltistão abriu a caixa, o rolo de pergaminho proclamava que Qom não via nada de errado em Mortenson ensinar as crianças – inclusive as meninas. A proclamação dizia ainda que a educação para meninos

e meninas é estimulada no Islamismo e que o Alcorão não proíbe um não-muçulmano de prestar assistência tão nobre.

Desde então, Mortenson disse que se sente inteiramente seguro e acolhido na região. Ele se aventurou a ir mais adiante, no remoto corredor de Wakhan da província de Badakhshan, no nordeste do Afeganistão, onde construiu oito escolas.

Embora advertido pela Embaixada dos EUA de que era arriscado viajar por aquelas regiões após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, Mortenson tem visitado com regularidade a área, vindo da sede do Instituto da Ásia Central em Bozeman, Montana. Até sua esposa e sua pequena filha certa vez



Cortesia: Greg Mortenson

As escolas do Instituto da Ásia Central, como a escola da comunidade de Khanday nas montanhas Karakoram, no norte do Paquistão, são geralmente as primeiras escolas construídas em aldeias remotas e isoladas, carentes de educação e alfabetismo

o acompanharam a Korphe, onde foram tratadas como "rainha" e "princesa" pelas mulheres do vilarejo.

Mortenson atualmente viaja pelos Estados Unidos divulgando o livro *A Terceira Xícara de Chá*. O título surgiu de uma conversa que teve com um chefe de aldeia anos atrás.

"A primeira vez que você toma chá [chá verde com sal e manteiga de iaque] com um baltitanês, você é um estrangeiro. A segunda vez, você é um convidado de honra. A terceira vez que você compartilha uma xícara de chá, torna-se parte da família", diz Mortenson lembrando-se do aldeão. ■

— Afzal Khan é correspondente especial para o Bureau de Programas de Informações Internacionais. Este artigo foi publicado originalmente no site usinfo.state.gov.

Recursos na Internet

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

<http://www.usaid.gov/>

Banco Africano de Desenvolvimento

<http://www.afdb.org/>

Banco Asiático de Desenvolvimento

<http://www.adb.org/>

Banco Interamericano de Desenvolvimento

<http://www.iadb.org/>

Banco Mundial

<http://www.worldbank.org/>

Bureau de População, Refugiados e Migração do Departamento de Estado

<http://www.state.gov/g/prm/>

Care

<http://www.care.org/>

Catholic Relief Services (Serviços Católicos de Assistência)

<http://crs.org/>

Centro de Desenvolvimento Global

<http://www.cgdev.org/>

Centro para a Prosperidade Global do Instituto Hudson

<http://gpr.hudson.org/>

Centros de Controle de Doenças

<http://www.cdc.gov/>

Children's Heart Fund (Fundo para Crianças Cardíacas)

<http://www.childrensheartfund.net/>

Concurso Grainger

<http://www.graingerchallenge.org/>

Corpo da Paz

<http://www.peacecorps.gov/>

Corporação Desafio do Milênio

<http://www.mcc.gov/>

Cruz Vermelha Americana

<http://www.redcross.org/>

Escritório da USAID de Assistência a Desastres no Exterior

http://www.usaid.gov/our_work/humanitarian_assistance/disaster_assistance/

Fundação Bill e Melinda Gates

<http://www.gatesfoundation.org/>

Fundação Etíope de Apoio à Saúde

<http://ethiopiahealthsupportfoundation.org/index.html>

Fundação Ford

<http://www.fordfound.org/>

Fundação Grainger

<http://www.ee.washington.edu/energy/apt/grainger/>

Fundação Interamericana

<http://www.iaf.gov/>

Fundação Nike

<http://www.nikefoundation.org/>

Fundação para o Desenvolvimento Africano

<http://www.adf.gov/>

Fundação Rockefeller

<http://www.rockfound.org/>

Fundação William e Flora Hewlett

<http://www.hewlett.org/>

Fundo Britânico Wellcome

<http://www.wellcome.ac.uk/>

Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária

<http://www.theglobalfund.org/en/>

Fundo Internacional para Mulheres e Crianças Refugiadas

<http://www.state.gov/g/prm/bih/index.htm>

Google.org

<http://www.google.org/>

Iniciativa para os Países Pobres Altamente Endividados (HIPC)

<http://www.imf.org/external/np/exr/facts/hipc.htm>

Instituto da Ásia Central

<http://www.ikat.org>

Institutos Canadenses de Pesquisa em Saúde

<http://www.cihr-irsc.gc.ca/e/193.html>

Institutos Nacionais de Saúde

<http://www.nih.gov/>

Malaria No More (Malária Nunca Mais)

<http://www.malarienomore.org/>

Oxfam Internacional

<http://www.oxfam.org/>

Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar)

<http://www.pepfar.gov/>

Rede Omidyar

<http://www.omidyar.net/>

Riders for Health (Motociclistas em Prol da Saúde)

<http://www.riders.org/>

Rotary Internacional

<http://www.rotary.org/>

Save the Children (Salvem as Crianças)

<http://www.savethechildren.org/>

USNS Comfort

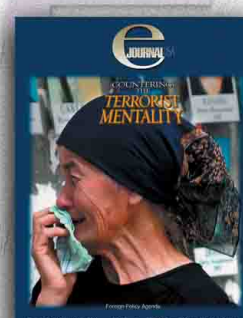
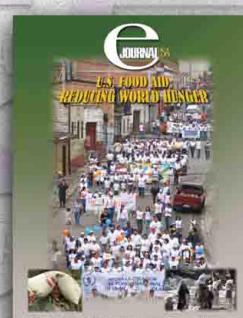
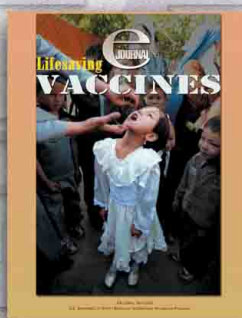
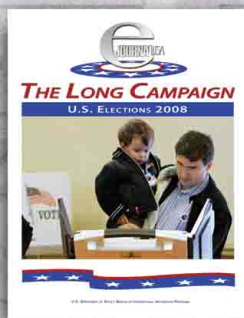
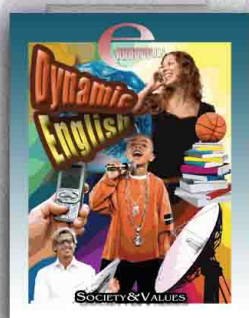
<http://www.comfort.navy.mil/>

Visão Mundial

<http://www.worldvision.org/>



**UMA REVISTA MENSAL
DO DEPARTAMENTO
DE ESTADO COM
INFORMAÇÕES
COMPLETAS SOBRE
OS ESTADOS UNIDOS
EM DIVERSOS IDIOMAS**



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>